

DIRETOR MARIO CASTELHANO	SILVINO DE NORONHA	EDITOR
ASSINATURA		
INCLUINDO O SUPLEMENTO SEMANAL		
PAGAMENTO ADIANTADO		
Continente, colônias e estrangeiro	Meses	Preços
Lisboa.....	1	9\$50
Província.....	3	28\$50
Africa portuguesa.....	6	66\$00
Estrangeiro.....	6	102\$00

A imprensa no actual momento

A COCAÍNA

Um vício perigoso que só desaparecerá quando se extinguirem as causas — a actual sociedade

Da argucia de um agente á parvoice de um "groom"...

A situação da imprensa, na hora excepcional em que se vive, merece uma apreciação serena e desapaixonada e uma análise que, embora rápida, assinal certos aspectos muito curiosos e importantes que a caracterizam.

Uma, porém, surge pelo paradoxo que dela ressalta, a atrair a nossa atenção e a requerer os nossos comentários. Vive-se em regime republicano e a imprensa mais fraca, mais débil, mais combalida, mais insignificante — é a imprensa republicana. O regime político ora dominante não tem, quase, em letra redonda quem o defende e quem o justifique. E esta circunstância aparece revestida de sintomas bem graves, desde que se considere a força e a influência consideráveis dos jornais na vida moderna.

O Mundo, que tem um passado brilhante, devido à importância do papel que desempenhou na demolição da monarquia, desde a revolução de fevereiro último que deixou de publicar-se. Na sua última fase este velho jornal defendia a integração do regime nos princípios que hoje predominam nas modernas democracias, principalmente na da França e na da Tchecoslováquia. Sua voz está extinta, sua vida limita-se a ser uma recordação do último tempo em que existiu.

O Rebate, jornal que se afirmava anti-clerical e órgão do mais forte partido de regime, desapareceu também em Fevereiro, seguidamente ao acto revolucionário, e não mais voltou a publicar-se.

O Diário da Tarde, republicano, a-pesar-do-matábarismo político do seu director, burocrata pertinaz de discutida reputação, não oferece a menor hipótese duma ressurreição, próxima ou longínqua.

A Cidade, a-pesar-de não encarnar os princípios republicanos, na sua máxima intransigência, e que defendia uma reconciliação, depois de ver inutilizados todos os esforços para comunicar aos seus leitores a atitude política que perfilha, teve de curvar-se vencida e suicidou sua existência, inesperadamente.

Os outros jornais ou não têm obrigaçao moral de defender o regime, ou são descharacterizados sob esse aspecto ou estão colocados, em relação à república, numa hostilidade tão habilidosa, como prigiosa.

A Voz, que se proclama independente, e a Epoca, com outro título — afim de sobreviver à excomunhão do Episcopado — e com o mesmo director. É o orgão das intrigas da companhia de Jesus, que secretamente a apoia e inspira. Dejende a implantação da monarquia e tem contribuído para provocar todos os dramas sanguinolentos e ignominiosos da política. Está, actualmente, empolgando numa ardente campanha contra a Maçonaria.

O Correio da Manhã cujo director ainda há poucas semanas se celebrou pedindo dinheiro numa célebre circular em que alimentava a esperança duma proxima restauração do regime abolido pelo 5 de Outubro, é o órgão oficial da causa monárquica. Combate ardentemente a maçonaria e denuncia como traidores à nação todos os republicanos, com ou sem filiação partidária.

A Ideia Nacional, é orgão da aliança entre os integralistas e os monárquicos liberais. Apoia a situação com "sacrifício" do seu doutrinário espetacular e hermético.

Quanto às Novidades, não há regime que a interesse, visto que acima de tudo a sua actividade se exerce em subordinar todo o país às ordens dumanadas de Roma, opera na república da mesma maneira que o polvo nas suas vítimas: rodeia-a com os seus tentáculos.

O Diário de Notícias defende com entusiasmo, com denodo, com sacrifício um unico regime — o da Moagem. Para ela o país só lhe interessa afim de o tornar tributário da empresa que envenena e rouba a população.

O Seculo — vão perguntar ao sr. João Pereira da Rosa e este por sua vez se o achar util irá ter com o sr. Alfredo da Silva — que regime defende, além do das "forças vivas", daquelas "forças vivas" que defendem a protecção escandalosa dos fosfatos e superfosfatos e discordam da protecção também escanda-



O patrão chama-se sr. Mauricio? Tem graça, eu também me chamo Mauricio...

Ponha-se na rua seu malandro, que não sabe compreender a distância que há entre nós!!!

los aos açucareiros ou açucaristas coloniais.

O Diário de Lisboa, exemplo magnífico de cultura humanista, paira noutras regiões e vive num deslumbramento tão legítimo como simpático, dos céus e dos filósofos da Hélade. Distraindo nos seus encantadores diálogos com os Sócrates, mais ou menos gregos, fala sobre os regimes e os acontecimentos com a serenidade antiga e luminosa dum contemporâneo, enternecidamente sceptico, da imortal república de Atenas.

Resta a Batalha! E' escusado

referirmos-nos à sua orientação baseada nos interesses dos trabalhadores manuais e intelectuais e na aspiração dos ideais de máxima justiça e máxima liberdade.

Mereceria mais largas considerações este assunto: não deixaremos de fazer, embora deixemos algumas no tinteiro. Por as não querermos tratar? Deve haver, talvez, na nossa desistência uma razão tão involuntária como caprichosa, que mereceria a desaprovação dos leitores, está longe de nos encher de alegre e descuidada disposição espiritual...

A ponte sobre o Tejo ficará sepultada pela indiferença burocrática?

A ponte sobre o Tejo é um velho sonho e sobre elle se fizeram as mais extraordinárias fantasias. Durante muitos anos engenhosos, mais ou menos verídicos, entreveriam os leitores dos grandes jornais, com vários planos, dos quais só apresentavam uns bonequinhos, uns pontes de jogos infantis, esquecendo-se de demonstrar a sua viabilidade.

Muita gente houve que concebeu a ponte sobre o Tejo da mesma maneira vaga e impetuosa. Até que por fim surgiu um projecto a sério e bem fundamentado. O projecto esteve um rô de meses a dormir nas tocas burocráticas onde tinha caído e que parecia ter-se convertido em sepultura.

Aquilo representava muito trabalho e representava principalmente uma obra de fomento duma importância considerável para a cidade de Lisboa e para as comunicações entre os povos das duas margens do Tejo.

Mas os governos, ocupados com os

O PENSAMENTO HUMANO

ESTA ACIMA DE TODAS AS MEDIDAS REPRESSIVAS

Isto passou-se há anos com uma naturalidade impressionante.

Manuel António estava sossegado no seu pardoite. Azariciava, com candura paternal, os loureados caracóis dum criancinha, os imbecis e outros desarrranjados por enfermidades lamentáveis que destroem os cérebros. O que apenas temo é afirmar que seja anarquista, visto não poder avaliar se as minhas ações estarão harmonizadas com a ética sublime da ideologia acrata. O elogio em bôca própria...

— Mas as suas ideias são subversivas... — A subversividade existe em tudo que é digno de correção: nas linhas quebradas, curvas, rectas, nos contornos, nos perfis; na química, na física, na história, na sociologia, na arte... Calimaco, adornando pela primeira vez as colunas dos templos com uma espécie de açafrate em forma de círculos de folhas de acanto, subverteu as formas severas das antigas construções. Apoloporto, ao cuidar dos quadros propriamente ditos, introduzindo o colorido e as sombras, subverteu a pintura antiga de paredes...

Platão, Aristoteles, Epicuro, Sócrates, Protagoras, Budas, Huss, Bacon, Kant, Copérnico, Kepler, Galileu, Huxley, Giordano, Hobbes, Spinoza, Locke, Hoblach, Morely, Voltaire, Montesquieu, Smith, Conte, Stuart Mille, Proudhon, etc. etc. — revolveram as religiões, a moral, as ciências, as sociedades... A perfeição exige sempre a subversividade... — A queda dos ertos, a ruina dos desvios, o apagamento dos enganos...

— Informaram-nos de que o prego faz entre o povo uma propaganda dissolvente das suas teorias.

— Minhas, não. Infelizmente, não sou dotado de grandes capacidades filosóficas; limito-me a dissolver entre os meus irmãos de trabalho tudo quanto posso assimilar da leitura excelente dos livros escritos pelos pensadores gigantes...

— Acusam-no ainda de conspirar contra as instituições vigentes e contra a sociedade actual, o que é mais grave...

— Se é só nessas acusações abstratas que constituem todos os meus sentimentos os anarquistas, são também anarquistas, os integralistas, são também anarquistas, visto que pretendem restaurar a monarquia absoluta — são anarquistas os aristocratas, visto que nunca ocultaram o seu ódio contra o sistema burguês...

— Carabali! — Mas não é verdade que os anarquistas têm feito em todos os tempos um sem número de atentados políticos e sociais? — esbofou, colérico, o director da polícia, dando um formidável murro na madeira da secretaria que fez saltar um círculo no ar...

— Concedo, conciliadoramente... Tanto é subversivo, anarquista, Sancho I lutando contra as impertinências do papa Inocêncio III e contra as turbulências do bispo do Porto, Martinho Rodrigues — como o conde de Bolonha que roubou a coroa, auxiliado pelas intrigas do clero, da cabeça pusilâmine de Sancho II, que, por contra-pés, ainda teve a expulsão do país; tanto é anarquista o incestuoso D. Pedro II, roubando a Afonso VI, não só a coroa, mas ainda a mulher, para a qual a Santa Sé não achou immoral o divórcio depois do adultério — como D. João II apunhalando o seu primo duque de Vizela e mandando executar o duque de Bragança — reprimindo assim, sanguentemente, a tentativa de subversão sonhada pela classe nobre revoltada...

— Tanto são revolucionários os marquês de Távora e o duque de Viseu, inspirando e ordenando o arcabuzamento de D. José I, como Buíga e Costa liquidando no Terreiro do Paço, D. Carlos e D. Luís Filipe.

— Os cristãos assassinaram uma inocente de sete anos por ser filha do imperador Maximino, e a mãe-imperatriz, juntamente com todas as suas donzelas, é arrastada pelas ruas de Antiochie e despenhada no Oronte.

— Abel manda assassinar Eric IV para se apoderar do trono — e acaba por morrer afogado no Eydar; Henrique IV envenena o papa Vitor III; o papa Bonifácio VII estrangula o seu colega Benedito VI; o czar Pedro III é envenenado e estrangulado por instigações da sua própria esposa, Catarina II; o duque de Borgonha... não tem vergonha nem remorsos de exterminar o duque de Orleans; os padres Guignard e os jesuítas Lianis suggestionam Jacques Clément a assassinar Henrique III, como outros pior cristãos armaram o braço homônimo do fanático Raavillac que liquidou Henrique IV, por ter a osadia de «haver concedido a liberdade de consciência»...

— Os miguelistas saciam a sua voracidade de sangue nas sovras bárbaras que desconjuntam as costelas abertas, partidas, dos "malhados". Entreteem-se com as denúncias diversitas, com as descobertas burlescas dos papéis incendiários, com o apreendimento misterioso das "áfricas de mechas". Trinantes os malhados, os constitucionais, principiam, por sua vez, a paular, desalmadamente, no lombo chagado dos contrários, em formidáveis desforras de aniquilação de centenas, de milhares de vidas. Esta divisa — «olho por olho, dente por dente»... — aplaudida pelos clericais dum e outra situação, desejam-na agora os que ainda suspiram pelo terror dos Condeiros, Baldaques...

— Bastai! Bastai! Parece que me quer da uma lição de história...

— Não. O que queria saber é se essa gent

NOTAS & COMENTÁRIOS

Uma campanha

A imprensa conservadora francesa vem

fazendo contra o comunismo uma campanha violenta, acusando-o de pretender desencadear uma revolução.

Mas, nem todos os jornais de nuances conservadoras estão de acordo a esse respeito como pode depreender-se das seguintes passagens que respigam dum artigo do chefe do fascismo francês, George de Valois:

“Mas ela (a Inglaterra) lançou e fez lan-

car o pretendido novo perigo comunista, a fim de acostumar os franceses à ideia duma luta a todo o transe contra o comunismo, indo até à guerra.”

“E o principal autor da campanha

não occultou, há algumas semanas que tinha

ido a Londres conferências sobre este asunto com uns das mais altas personalidades políticas do Reino Unido”.

“Esta grande mistificação é uma ex-

celente operação comercial: é encher de

cólicas os ricos que se conseguem levá-los a

alinhá-los aos chefes aos «gendarmes suple-

mentares».

Universidades para operários

Segundo notícia o Sennaculo, órgão da Sennaculo Asocio Tatmadona, existe em Charleroi, Bélgica, uma universidade para operários, mantida pela câmara provincial.

As lições realizam-se de dia e de noite e

preparam os estudantes para todas as car-

reiras industriais desde o operário qualifi-

cado ao engenheiro. O número de alunos

ascende a 4.500 e de professores e chefes

de laboratório a 300. A câmara provincial

de Hainaut, no qual está situada a cidade

de Charleroi, faz activa propaganda no

sentido de atrair os jovens operários para

a universidade, com lisonjeiros resultados.

O ensino é ministrado gratuitamente; há

uma refeição, a meio dia, que é distri-

buida também gratuitamente aos alunos

mais pobres e por um preço razoável aos

que a podem pagar. As crianças desta «re-

gião negra» podem, se possuirem a necessi-

tade, capacidade, subir aos mais altos lugares

da indústria, pelo auxílio da província.

Não é, como se vê, uma universidade com-

pleta; nela apenas tem lugar o lado técni-

co da vida.

Em Frankfurt a. M., Alemanha, existe

uma outra obra, igualmente operária, mas

<p

EFEMÉRIDES

8 de Maio

- 1844—Gonçalo Velho Vidal descobre a Ilha de São Miguel.
1705—Nasce no Rio de Janeiro, António José da Silva, o *Judeu*, que, pelo seu talento, foi uma das vítimas da Inquisição.
1832—Grandes manifestações, no Porto, contra o jornal jesuítico *A Palavra*, provocadas pelo seu suplemento, grosseiramente agressivo para a memória do Marquês de Pombal.
1898—Em Milão o povo é barbaramente metralhado pelas tropas de Humberto I.
1906—Os nihilistas russos executam oconde Ignatiel, governador geral de São Petersburgo.
1913—Reclamando melhoria de situação, declaram-se em greve os cocheiros de Paris.
1919—Declararam-se em greve os operários cerâmicos de Sacavém.
1925—Inaugura-se em Munich o Museu Técnico e Científico.

9 de Maio

- 1861—Desaba sobre a cidade do Porto um violentíssimo temporal que ocasionou inúmeras vítimas.
1898—É proclamado o estado-de-síntio em todas as províncias da Itália, sendo detidas mais de quinze mil pessoas que foram julgadas pelos tribunais militares.
1913—Declararam-se em greve, para obter melhoria de situação, os operários da refinaria de aquaré Lebaudy, da París.
1919—A convite da U. S. O., de Lisboa, o operariado manifesta, em frente dos Paços do Concelho, a sua solidariedade para com a classe dos operários do município.
1925—O governo soviético ratifica o contrato com uma sociedade inglesa sobre a concessão das minas de ouro de Kanitshake. Oh! o vil metal... — Na Turquia são condenados à morte alguns chefes kurdes que escaparam ao massacre do dia 1.

AJUDANTES DE FARMÁCIA

Da Comissão de defesa dos ajudantes de farmácia, recebemos com o pedido de prorrogação, a seguinte nota:

Tendo lido nos jornais a notícia de uma Comissão delegada da Sociedade Farmacéutica Lusitana ter conferenciado com o sr. ministro da Instrução, a quem expôs as bases em que assenta o cálculo dos preços dos medicamentos e os honorários das manipulações, dizendo que não atingem o índice do custo de vida que é, aproximadamente, 20 vezes o de 1914, visto não irem além, em média, de 12 vezes os preços do Regimento de 1900 — A Comissão de defesa dos ajudantes de farmácia, coerente com as suas afirmações anteriores, tem a dizer o seguinte:

1º. Não tem esta Comissão, toda composta de ajudantes de farmácia, maneira de cotejar o Regimento de 1900 com o actual, mas recordam-se todos os seus membros que o preço da manipulação dum soluço no Regimento referido era de 100 réis, e no actual é de 250 escudos; que a manipulação das primeiras dez hostias era, no mesmo regimento, 120 réis, e cada uma mais 10 réis. No actual, o preço inscrito é de 250 para as primeiras seis, e cada uma mais 20 centavos. E assim sucessivamente quanto às manipulações.

2º. Que o antigo Regimento era considerado exageradíssimo pela quase totalidade dos farmaceuticos que os componentes da Comissão foram empregados, e tanto que faziam incidir 20 e 30 e alguns, até 40 por cento de desconto sobre os preços nele inscritos, podendo, até, citar os nomes desses farmaceuticos. — A Comissão de Defesa dos Ajudantes de Farmácia.

A venda de estupefacientes

Uma nota dos Ajudantes de Farmácia

E-nos solicitada a publicação da seguinte nota:

Tendo a Sociedade Farmacéutica Lusitana enviado anteontem aos jornais uma nota declarando que o proprietário de uma farmácia da rua Pascoal de Melo, José dos Santos Correia, preso à oriente do sr. juiz de investigação criminal, por vender clandestinamente cocaína e outros estupefacientes, não é farmacêutico, e que esse indivíduo usa este título abusivamente, em detrimento do bom nome e das tradições morais da classe farmacéutica, a Comissão de Defesa dos Ajudantes de Farmácia pede aos poderes do Estado o maior rigor na punição de todos os criminosos que se encreguem a tão repelente negócio.

Lamenta apenas que a Sociedade Farmacéutica Lusitana não tenha feito igual pedido quando há tempos, e por diversas vezes, foram presos vários farmacêuticos seus associados, acusados desse mesmo crime, tendo-se até dado o caso do sr. Carlos Marques de Sousa, se ter visto forçado a pedir a demissão de presidente da mesma colectividade, por se não ter querido solidarizar com o farmacêutico, acusado no caso do pantomônio. — A Comissão de Defesa dos Ajudantes de Farmácia.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

A nova lei sobre Teatros

O Grémio dos Artistas Teatrais vai reunir-se em Assembleia Geral extraordínaria para estudar a nova lei sobre Teatros publicada no dia 6 de Maio.

A direção do Grémio está recolhendo todos os pareceres a um de assunto ser estudado em todos os seus aspectos.

Cova da Piedade.

ECOS DA REVOLUÇÃO

Uma representação de um grupo de operários presos

Os nossos camaradas que em Lisboa se encontram presos, vindos de vários pontos do país, acusados de professarem ideias avançadas dirigiram hoje ao sr. Director da Polícia de Informações do Ministério do Interior, as ordens de quem se encontram detidos, a seguinte reclamação:

Exmo Sr. Director da Polícia de Informações do Ministério do Interior:

Nós, abaixo assinados, detidos em várias prisões as ordens da Polícia de Informações do Ministério do Interior acusados unicamente de professarmos ideias libertárias, não tendo cometido qualquer outro delito (se delituoso é o motivo das nossas detenções) que possa macular a nossa dignidade de cidadãos honestos, encontramo-nos há longos dias encarcerados, sem, de dia para dia, vermos modificar-se a nossa situação.

Sr. Director: Quisí todos somos chefes de família e sem outros recursos para a sua manutenção além do produto do nosso trabalho honesto e útil que estamos, neste momento, privados de realizar.

Os primeiros dias terão sido passados sem dificuldades de maior; porém, os poucos recursos de reserva extinguiram-se, e a fome já entrou em nossos lares.

Confrange-nos dilacerar o coração o quadro negro da miséria em que se debatem nossas companheiras e nossos filhos, descripto nas correspondências que nos enviam.

Sómente isto nos leva a dirigir a V. Ex. e a solicitar simplesmente: a rápida revisão dos nossos processos e imediata justiça.

; Saúde e Fraternidade!

Lisboa, 5 de Maio de 1927.

Lúcio Maria da Conceição, operário metalúrgico, de Coimbra; João Veiga, engenheiro comercial, de Coimbra; Francisco Baptista Duarte, operário, de Coimbra; Ricardo Vitorino Barbosa, de Coimbra; António Alexandre de Melo, aliaxeado, de Cerca do Aleijado; Valentim Adolfo João, operário das minas de S. Domingos; Joaquim Dias Póvoa, trabalhador rural, de Benavila, Aviz; Arnaldo Simões Januario, barbeiro, de Coimbra.

Mais uma prisão.

COIMBRA, 5.—Por ordem do sr. André Dias da Silva, e seguramente accusado de «temível anarquista», foi hoje preso o operário Afonso de Moura. — C.

Soma e segue

No Aljube, do Porto, encontra-se preso o operário José Caetano Júnior, da Covilhã.

Ferroviários presos e deportados

A Comissão delegada da Federação Ferroviária e do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste, continuou ontem nas suas diligências no sentido de esclarecer a situação dos ferroviários que ainda se encontram presos, tendo entrevistado o coronel sr. Daniel de Sousa, que amavelmente a recebeu e deu-lhe as informações que estavam ao seu alcance.

As negociações prosseguem na próxima semana.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de Agosto — Hoje, às 21,30 horas, baile.

Junção Humanitária "Amor e Carinho" — Realiza-se hoje, pelas 15 horas, uma festa dedicada às senhoras que auxiliaram a venda da flor em benefício do cofre desta instituição.

Considerações de momento

Para que uma ideia se desenvolva através de todos os tempos e de todas as épocas, é preciso que os cérebros que a concebem, se multipliquem numa renovação constante.

Compreende-se que me refiro a uma ideia que circunstâncias várias, morais ou materiais, impossibilitam a sua realização imediata.

Se todos os inventos e todas as iniciativas que tornam a humanidade de hoje mais independente que a de alguns anos atrás, não tivessem, após a concepção inicial, uma série de ampliações; que os aperfeiçoassem, modificando-os e adaptando-os cada vez melhor ao objectivo do seu iniciador, certamente que nenhum deles teria realização.

Mas, quando uma ideia é generosa, quando os cérebros que a concebem têm a par um coração que acalentam sentimentos de justiça e de verdade, então esse renovaamento faz-se em melhores condições, segundo os momentos que a vida humana atravessa, mas sempre numa persistência constante.

Não seria a persistência aliada a uma rebeldia permanente, que fez com que o anseio de liberdade dos escravos de outrora viesse a ser recebido com entusiasmo pela geração actual?

* * *

A organização operária teve sempre e te- ria a sua ação bem demarcada em todos os momentos em que a liberdade se batou contra a opressão e despotismo, substituindo os que caem na barricada e sabem erguer a cada vez com mais fé, o pendor da revolta.

Desprezai sempre as trevas do passado e buscai a luz do futuro! Revoltai-vos contra tudo que detesta a marcha da liberdade, quebrai todas as cadeias de preconceitos morais que vos rodeiam e vindre somhar comigo... esse sonho das almas revoltas contra o ódio e injustiça que impera na humanidade.

Cova da Piedade.

António GONÇALVES

Imprensa Nacional

Vai ser autorizada a Direção Geral da Imprensa Nacional de Lisboa a contrair com a Caixa Geral de Depósitos, nos termos do artigo 253º do respectivo regulamento, de 9 de Dezembro de 1919, um empréstimo de importância não excedente a 391.500\$00, a fim de permitir a concessão de adiantamentos ao pessoal operário do mesmo estabelecimento no equivalente a 45 dias de vencimento total.

também é subversiva, anarquista; que me explica qual a sua interpretação filosófica e científica sobre as doutrinas libertárias; e que me dissesse se já tiro informações pela vizinhança, por toda a gente que põe a vista em cima, indicando-me, com segurança, sem sofismas, em que consistem o meu espírito de desordem e a minha immoralidade, que prejudiquem o meu semelhante e envergonhem o género humano... Sem isso, não pode fazer um juizo correcto sobre as ideias e os homens...

— Não estou para o arturar, nem quero saber dessas coisas. Guardas! Conduzam-no novamente, esse anarquista à prisão... E, bruscamente, saiu do gabinete, fazendo, com a expressão de ar provocada pela violência da saída, vojar alguns papéis no es-

co... Diógenes de SINOPA

Vende-se uma máquina de costura em estado de nova, marca «Singer». Diz-se na administração deste jornal.

ACORRENDO

AO APPELLO de "A BATALHA"

Transporte 1.934\$00

Alexandre Assis 4\$00

João Mendes Amaral 5\$00

António Dias 5\$00

Manuel Augusto Saraiva 10\$00

Anônimo 20\$00

Quete entre os soldados da Fábrica Salvador, Lda, Olhão (17\$00)

Acácio António 1\$00

Augusto Fernandes 1\$00

José de Sousa Cavaleiro 1\$00

Custódio dos Santos 1\$00

Alfredo Baptista 1\$00

António de Sousa Diniz 1\$00

José da Cruz 1\$00

Um anônimo 10\$00

António Rodrigues (Fafe) 25\$00

Bernardo Ribeiro da Costa 2\$00

António Augusto Pereira 2\$00

Quete entre os novos da novo man-

cômodo (26\$50):

Alberto Dias 23\$00

Francisco dos Anjos 25\$00

Tibério Caldeira 5\$00

António Bastos 1\$00

Marcelino da Silva 5\$00

Júlio Lopes 1\$00

Esau José Ribeiro 5\$00

João Miranda 2\$00

Artur dos Anjos 1\$00

Abel Gonçalves 1\$00

Joaquim Alves 1\$00

Manuel Nunes 1\$00

Augusto Nunes 1\$00

Joaquim dos Santos 1\$00

Grupo de canteiros 1\$00

Alberto Pereira 1\$00

Machado 1\$00

Manuel Marques 1\$00

José Caldeira 1\$00

José Baptista da Silva 1\$00

Sacavém 1\$00

António Pedro 2\$00

António Marques 1\$00

José Rodrigues 1\$00

Alfredo 1\$00

Inácio Marques 2\$00

Pais 1\$00

Grupo dos serventes 12\$00

Manuel Costa Alegria 2\$00

Joaquim O. Paulino 2\$00

A BATALHA

O único templo de redenção para a
humanidade é a Escola.



NO REGIME CAPITALISTA

A luta económica do proletariado de Nova York

NOVA YORK, abril — O rendimento extraordinário da indústria americana é a base económica da jornada de trabalho. O nível de produção de todas as indústrias aumentou, desde 1920 a 1925, cincuenta por cento. Os dados agora referidos pela secretaria da conferência da indústria nacional (organização patronal), provam que só de 1919 a 1923 o rendimento se elevou de 43 por cento. E em 1919 já a indústria americana não tinha rival na sua expansão, e assim se pode avaliar das consequências lógicas de um semelhante estado de coisas.

O resultado primacial do progresso do rendimento de trabalho foi a contenção do aumento de efectivos proletários.

O progresso anual da produção era, antes da guerra, de 7 a 14 por cento e acompanhava-se normalmente de um aumento de pessoal de 3 a 8 por cento, por ano. A partir de 1920, porém, a pesar do desenvolvimento da produção, o número de trabalhadores tem diminuído. Disto, resultou um enfraquecimento dos sindicatos, o que comprova a propensão a constituir-se uma legião de operários especializados que não encontram trabalho.

Outro factor do debilitamento dos sindicatos foi a derrota destes na luta contra os patrões que seguiram uma política de «oficina aberta». Verificou-se a organização das Company Unions, as quais conseguiram rapidamente um milhão de filiados. Tomados de pânico, os chefes sindicais deixaram-se absorver por novos projectos de colaboração de classes que depressa transformaram os sindicatos em irmãos gêmeos das Company Unions, a ponto de actualmente parecerem os sindicatos operários aceitáveis aos patrões.

O enorme debilitamento da potência sindical tornou ineptos os sindicatos para conseguir qualquer melhoria aos trabalhadores durante a época de prosperidade de que foi de 1922 a 1925. Pela primeira vez na história do sindicalismo americano, a um período de desenvolvimento económico não correspondeu um desenvolvimento sindical.

Todavia, os acontecimentos se encarregaram de demonstrar que a detenção do desenvolvimento sindical não podia durar.

Depressa os patrões e os chefes sindicais foram obrigados a reconhecer, sentidamente, que, para impedir que as massas seguissem diferente caminho, necessário se tornava fazer concessões e ceder a certas reivindicações. O próprio Gary, do trust de aço, declarou que, se bem os directores do trust, em 1920, se tivessem negado a reconhecer os sindicatos operários, em 1923 tinham julgado útil aceitar a principal reivindicação apresentada durante a greve de 1923: a jornada de oito horas.

Em 1925 quando os patrões militantes das minas do carvão e da indústria têxtil pretendem reduzir os salários e convocaram o trust de aço a aderir a uma «campanha nacional da baixa geral de salários», a organização revolucionária respondeu com a declaração de greve geral contra toda a redução de salários. Os operários em luta resistiram com tal bravura que a ofensiva patronal foi cortada.

A resistência à redução de salários, em 1925, tinha precedido o movimento de 1926 a favor da semana de cinco dias. Em Nova York na indústria do vestuário, a reacionária burocacia sindical estava intimamente ligada à classe patronal, resistindo a todo o aumento de salários, redução de horas de trabalho e ampliação da capacidade jurídica dos sindicatos.

Finalmente, ao cabo de uma luta demorada e encarniçaada, que chegou a ter aspectos de luta civil, a esquerda revolucionária apoderou-se dos sindicatos do vestuário. Uma especialidade de alfaia, a que se ocupa na confecção de abafos, obteve a semana de cinco dias.

Actualmente, 40.000 alfaiaias em Nova York estão em greve, exigindo a semana de cinco dias.

INFORMAÇÃO TELEGRÁFICA

A conferência económica internacional

Uma série de discursos inéditos e um concerto musical

GENEBRA, 7 — A conferência internacional económica resolveu nomear três comissões para o exame dos problemas agrícola, comercial e industrial. O delegado italiano, sr. Demicheli, pronunciou um discurso sobre o problema da agricultura e da organização agrícola internacional, indicando o Instituto Internacional de Roma como o organismo capaz de resolver tão importante assunto.

O delegado do Japão à conferência econômica internacional, sr. Inabata, foi ontem recebido com tódas as honras pela sociedade franco-japonesa de Paris. O sr. Inabata foi um dos mais esforçados promotores da fundação em Kioto do Instituto francó-japonês.

O delegado britânico à conferência internacional económica, falando sobre tratados comerciais, classificou de absurdos quaisquer acordos com os sôviets.

Pepoff, delegado búlgaro à conferência económica de Genebra, faleceu inesperadamente.

A orquestra Augusto Sott realizou, sob a direcção do maestro Molimeiri, um concerto no Vitória Hall. — (L.)

O industrialismo

Dirigíveis entre a África do Sul

e o estrangeiro

CIDADE DO CABO, 7 — O ministro das finanças, Havenga, anunciou hoje, no Parlamento, que o governo decidiu mandar construir um dirigível para as comunicações rápidas entre a União Sul-Africana e as outras partes do mundo, acentuando as vantagens que advêm desse meio de transporte. — (L.)

Tratados de comércio

BERLIM, 7 — Espera-se que se iniciem, o fim de Maio, negociações entre a Ale-

A organização operária de Setúbal

encontra-se num estado caótico a que urge pôr termo — «Voz Sindical»

em praça — A escola dos marítimos é agora escola policial

Lamentável é o estado actual do movimento proletário de Setúbal, que outrora gozou de grande fama entre todas as terras de Portugal. Deste estado a que chegou o movimento operário daquela região característica marítima podem tirar-se elocuentes lições, que entre outras coisas nos mostram quanto são prejudiciais ao progresso humano, o reformismo dos dirigentes operários que não possuem a necessária preparação revolucionária, e portanto aptos a largos vóos, e o comodismo e falta de visão de outros, que julgavam que basavam possuir as ideias para que toda a massa as tivessem, descurando a propaganda, a educação social e continua elevação deles próprios, o que viria impedir os ataques traiçoeiros dos dirigentes acéfalos e traidores às tradicionais afirmações revolucionárias do operariado setubalense.

O estado a que chegou Setúbal mostra-nos que é preciso emendar caminho; que os militantes do sindicalismo libertário regressem activamente às assembleias dos sindicatos, realizando, com os processos que descuraram, uma vida nova. Não é possível emendar a actual situação se os camaradas que presentemente foram afastados pelas habilidades dos acéfalos, desistem de todo da actividade que o momento necessita.

De passagem por Setúbal tivemos ocasião de observar o estado lamentável daquela organização. O critério dos dirigentes actuais da organização de Setúbal, de odio tório às ideias e de rancores pessoais, é estreitamente corporativista. No fim do ano organizaram verdadeiros assaltos aos cargos sindicais. Assim, prescindindo da assembleia geral, as direcções de alguns sindicatos nomearam delegados ao conselho da União dos Sindicatos, negando tal qualidade aos camaradas que ali se encontravam e que, devido à dispersão em que mergulharam o operariado desmoralizado pela crescente miséria, mal poderiam protestar.

Sistematicamente, têm ido afastando os militantes sindicalistas revolucionários, com calúnias jesuíticas e cautelosamente espalhadas, fazendo tábua rasa de empreendimentos tomados, transformando o Sindicato num divisionismo enorme que vai separando as classes em vez de as unir para a sua emancipação. Num Sindicato onde por acaso entrámos, um grupo de militantes jogava as cartas, como num clube, enquanto por cima delas se ostentavam os retratos de propagandistas conhecidos. De emancipação, de reivindicações — e são tantas que o proletariado de Setúbal deve fazer! — não faz nem se cuida.

Em Setúbal existem boas instalações sindicais. Uma delas, a dos marítimos, possui uma escola modelo, onde está instalada uma secção de Universidade Popular. Para círculo, a escola não funciona, a Universidade não funciona, mas os dirigentes do Sindicato cederam as salas para funcionar uma escola de polícias onde os professores são cabos e chefes semi-analfabetos e obtusos. Alegam razões tolidas e artigos regulamentares, o que não sucederia se não tivessem pela classe policial o desprezo sobre que sentem todos os homens generosos. Em Setúbal reina um ódio inexplicável dos marítimos dirigentes contra as outras classes. Assim, acham-se em grave perigo a existência da União dos Sindicatos, organismo altamente necessário, mas que, no seu fraco bestunto, eles não compreendem que o seja. Como a série de golpes de mão que deram para derrubar os antigos militantes, derribaram também o jornal Voz Sindical, que vinha fazendo uma propaganda boa e tenaz das ideias avançadas.

E então, neste negócio, têm-se dado factos desgraçados. Senhores dos cargos, legislaram a seu belo talante, e puseram em praça as oficinas da Voz, saltando o prédio dos seus militantes sobre ela arvorados em credores ferozes, piores do que muitos patrões, credores também da Voz e que, nesta conjuntura, prescindiram de usar dos seus direitos, concedendo até uma diminuição de 50%.

Esta questão é, porém, uma história mais comprida do que se pensa.

O que é um facto é que tal situação não pode continuar, sem que se ergam vozes de protesto de toda a parte, a porem termo ao vandalismo que assolava o movimento proletário em Setúbal.

A insuficiência e o comodismo dum tanto quer arrazar tudo: organização, jornal, escolas, homens de ideias.

Se estes não se levantam, se não se unem, a organização operária irá-se dissolvendo a pouco e pouco...

MERIDIONAL

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5319, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário das férias e seu preço avulso de \$1. As associadas que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em 50 folhetos.

Delibera a administração de A Batalha

manha e a lugoslávia sobre um tratado de comércio entre os dois países. — (L.)

Capitalistas descontentes

LONDRES, 7 — Os industriais de fiação da cidade de Lancashire opõem-se à proposta da comissão aduaneira que eleva a tarifa alfandegária na Índia sobre as importações. — (L.)

Caixeiros viajantes

PARIS, 7 — Uma delegação canadense anda visitando os centros industriais do norte da França. — (L.)

Linhões de navegação

CHERBURGO, 7 — Chegou a Cherburgo o sr. Teller, delegado do Shipping Board dos Estados Unidos, que vem estudar o estabelecimento de novas linhas de navegação por barcos americanos entre a França e os Estados Unidos. — (L.)

Tratados de comércio

BERLIM, 7 — Espera-se que se iniciem,

o fim de Maio, negociações entre a Ale-

A QUESTÃO RELIGIOSA NO MÉXICO

O domínio económico da Igreja

Toda a gente sabe das perturbações religiosas no México; mas, pode assegurar-se que são ignoradas muitas causas das que produzem tais efeitos.

A população mexicana, faminta e desorientada, revoltou-se contra a grande burguesia que a opriam, extorquindo-lhe e repartindo depois entre si quanto pôde.

Todos os potenciados, próprios ou estranhos, conspiraram para arrebatar ao povo o que ele soube conquistar na revolução.

Um dos instrumentos usados na contrarrevolução pelos potenciados é a Igreja, esse clero que engorda com a exploração de toda a humanidade. E' esta origem dos conflitos e das contendas que se sucedem entre a Igreja e o povo mexicano.

Entre as terras repartidas no México contavam-se numerosas propriedades da Igreja. Como é natural, o clero, a exemplo dos potenciados, tratava de recuperar as terras distribuídas. Para tal fim contava a Igreja, com uma grande força económica ligando-se aos potenciados do país e do estrangeiro para conspirar contra a revolução e contra os interesses da Igreja.

As dissidências, não importa se diga, foram determinadas por pressões económicas, como se demonstra no facto seguinte:

Em um concílio realizado no século XII, em Roma, os bispos acusaram os frades de possuírem as igrejas, os campos, os castelos, os dízimos, as oferendas dos vivos e dos mortos; só faltou que nos tirem o báculo e o anel. Assim disseram os romanos, mais pobres, queriam gozar os despojos, as riquezas dos gregos e separaram-se em católicos, gregos e romanos.

No século XVI, pelas mesmas razões,

houve outra dissidência no cristianismo. Nessa época, haviam já acumulado tantas riquezas os católicos romanos que não só exploravam os povos, como os próprios clérigos. Estes, pobres e fanáticos como Dante, dois séculos antes, rebelaram-se e scindiram-se em cristianos protestantes.

As dissidências, não importa se diga, foram determinadas por pressões económicas, como se demonstra no facto seguinte:

Em um concílio realizado no século XII,

em Roma, os bispos acusaram os frades de

possuírem as igrejas, os campos, os castelos, os dízimos, as oferendas dos vivos e dos mortos; só faltou que nos tirem o báculo e o anel. Assim disseram os romanos, mais pobres, queriam gozar os despojos, as riquezas dos gregos e separaram-se em católicos, gregos e romanos.

O clero na Rússia não lutou por seus dogmas, por suas propriedades, por suas terras, por seus colégios e hospitais, por todas as suas riquezas. Os templos e as igrejas na Rússia, por isso, estão intactos, embora sem suas riquezas e as suas propriedades, sem força económica nem influência política. Nisso consiste o sacrifício da população proletária da Rússia que o papa tanto amaldiçõa. O embrutecimento e pauperização do povo russo produzia riquezas bastantes para manter a sagrada pompa erística.

O clero na Rússia não lutou por seus

dogmas, por suas propriedades, por suas

terrás, por seus colégios e hospitais, por todas as suas riquezas e as suas propriedades, sem força económica nem influência política. Nisso consiste o sacrifício da população proletária da Rússia que o papa tanto amaldiçõa. O embrutecimento e pauperização do povo russo produzia riquezas bastantes para manter a sagrada pompa erística.

O clero na Rússia não lutou por seus

dogmas, por suas propriedades, por suas

terrás, por seus colégios e hospitais, por todas as suas riquezas e as suas propriedades, sem força económica nem influência política. Nisso consiste o sacrifício da população proletária da Rússia que o papa tanto amaldiçõa. O embrutecimento e pauperização do povo russo produzia riquezas bastantes para manter a sagrada pompa erística.

O clero na Rússia não lutou por seus

dogmas, por suas propriedades, por suas

terrás, por seus colégios e hospitais, por todas as suas riquezas e as suas propriedades, sem força económica nem influência política. Nisso consiste o sacrifício da população proletária da Rússia que o papa tanto amaldiçõa. O embrutecimento e pauperização do povo russo produzia riquezas bastantes para manter a sagrada pompa erística.

O clero na Rússia não lutou por seus

dogmas, por suas propriedades, por suas

terrás, por seus colégios e hospitais, por todas as suas riquezas e as suas propriedades, sem força económica nem influência política. Nisso consiste o sacrifício da população proletária da Rússia que o papa tanto amaldiçõa. O embrutecimento e pauperização do povo russo produzia riquezas bastantes para manter a sagrada pompa erística.

O clero na Rússia não lutou por seus

dogmas, por suas propriedades, por suas

terrás, por seus colégios e hospitais, por todas as suas riquezas e as suas propriedades, sem força económica nem influência política. Nisso consiste o sacrifício da população proletária da Rússia que o papa tanto amaldiçõa. O embrutecimento e pauperização do povo russo produzia riquezas bastantes para manter a sagrada pompa erística.

O clero na Rússia não lutou por seus

dogmas, por suas propriedades, por suas

terrás, por seus colégios e hospitais, por todas as suas riquezas e as suas propriedades, sem força económica nem influência política. Nisso consiste o sacrifício da população proletária da Rússia que o papa tanto amaldiçõa. O embrutecimento e pauperização do povo russo produzia riquezas bastantes para manter a sagrada pompa erística.

O clero na Rússia não lutou por seus

dogmas, por suas propriedades, por suas